



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE – IEFE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

BRUNA VALESKA DOS SANTOS ALVES

VICTOR HUGO SOARES BATISTA

**A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL NA REPRESENTAÇÃO DOS
TORCEDORES ORGANIZADOS EM MACEIÓ.**

Maceió – 2022

BRUNA VALESKA DOS SANTOS ALVES

VICTOR HUGO SOARES BATISTA

**A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL NA REPRESENTAÇÃO DOS
TORCEDORES ORGANIZADOS EM MACEIÓ**

Maceió - 2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A474v Alves, Bruna Valeska dos Santos.
 A violência no futebol na representação dos torcedores organizados em
 Maceió / Bruna Valeska dos Santos Alves, Victor Hugo Soares Batista – 2021.
 22 f. : il.

Orientador: Humberto Jorge de Souza Maia Filho.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em educação física) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte.
Maceió.

Bibliografia: f. 21-22.

I. Futebol - Maceió (AL). 2. Torcida organizada. 3. Violência nos
esportes. I. Batista, Victor Hugo Soares. II. Título.

CDU: 796.332(813.5)

BRUNA VALESKA DOS SANTOS ALVES

VICTOR HUGO SOARES BATISTA

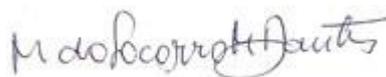
A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL NA REPRESENTAÇÃO DOS TORCEDORES ORGANIZADOS EM MACEIÓ

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação Física – Bacharelado do Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharelado em Educação Física.

Orientador: Prof. Esp. Humberto Jorge de Souza Maia Filho

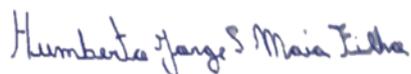
Aprovado em: 18/04/2022

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria do Socorro Meneses Dantas (Presidente)

Profa. Ms. Rosa Elisa Pasciucco da Costa (Examinadora convidada)



Prof. Esp. Humberto Jorge de Souza Maia Filho (Orientador)

Dedicatória

Queremos dedicar esse trabalho a todos nossos familiares e amigos que estiveram junto conosco durante toda essa trajetória de curso, que deram palavras de apoio e segurança quando em algumas vezes em meio às dificuldades pensamos e deixar tudo para trás. Também queremos agradecer a todos os professores que estiveram conosco durante todo esse trajeto, pois sem seus ensinamentos não estaríamos aqui hoje.

Agradecimentos

Queremos agradecer primeiramente a Deus por nos dar sabedoria e paciência para concluirmos esse trabalho. Agradecemos a nosso orientador por toda força e dedicação conosco. Agradecemos também a todos os torcedores que fizeram parte desse trabalho. E por fim, mas não menos importante queremos agradecer a nossos cônjuges, que tiveram paciência e amor conosco durante esse período.

[...] Porque eu não quero cadeira numerada

Eu vou de arquibancada pra sentir mais emoção...

Domingo eu vou... (Neginho da Beija-Flor)

Resumo

O debate sobre a violência no futebol para a universidade é de fundamental importância para traçarmos apontamentos concretos o que observamos nas mídias, quando se trata de violência entre torcidas, sendo assim, o presente trabalho buscou identificar as representações dos torcedores organizados sobre a violência no futebol em Maceió. Participaram do estudo 4 (quatro) torcedores, sendo 3 (três) membros das torcidas organizadas Mancha Azul correspondente ao clube Centro Esportivo Alagoano (CSA) e 1 (um) membro da Comandante Alvirrubro pertencente ao Clube Regatas Brasil (CRB), foi utilizado como instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturadas, nas quais utilizam um roteiro de questões previamente formuladas e abertas, as entrevistas foram conduzidas de maneira presencial, com o uso de um gravador. Como análise dos dados, foi realizada análise interpretativa através da transcrição dos áudios realizados pelos participantes, desta forma, o estudo foi dividido em três categorias “Violência entre as Torcidas Organizadas”, “Participação dos torcedores em confrontos” e “Torcidas Organizadas e mídia”. Com os dados da pesquisa, podemos concluir que o envolvimento destes torcedores organizados em confrontos está relacionado à busca por adrenalina e excitação, em que a recusa em participar poderá representar a sua exclusão daquele grupo ou uma depreciação da sua imagem perante o grupamento de torcidas organizadas. Porém, podemos perceber também uma mobilização das torcidas em projetos sociais como foi citada por alguns dos entrevistados, a torcida representa uma família para os seus integrantes.

Palavras-chave

Torcida Organizada. Violência. Futebol.

Abstract

The debate about violence in soccer for the university is of fundamental importance for us to draw concrete notes what we observe in the media, when it comes to violence among soccer fans, thus, this study sought to identify the representations of organized supporters about violence in soccer in Maceió. Four (4) supporters participated in the study, being three (3) members of the organized fans Mancha Azul corresponding to the club Centro Esportivo Alagoano (CSA) and one (1) member of Comando Alvirrubro belonging to Clube Regatas Brasil (CRB). As data analysis, an interpretative analysis was performed through the transcription of the audios made by the participants, thus, the study was divided into three categories "Violence among Organized Fans", "Fans' participation in confrontations" and "Organized Fans and the media". With the research data, we can conclude that the involvement of these organized fans in confrontations is related to the search for adrenaline and excitement, in which the refusal to participate may represent their exclusion from that group or a depreciation of their image before the group of organized fans. However, we can also notice a mobilization of the fans in social projects as mentioned by some of the interviewees, the fans represent a family for their members.

Keywords

Organized Fans. Violence. Soccer.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 9 |
| O histórico das Torcidas Organizadas no Brasil e em Alagoas | 11 |
| Metodologia | 13 |
| Resultados e discussões..... | 14 |
| Violência entre as Torcidas Organizadas..... | 14 |
| Participação dos torcedores em confrontos | 16 |
| Torcidas Organizadas e mídia..... | 19 |
| Conclusão..... | 20 |
| Referências..... | 21 |

Introdução

O primeiro sentimento que muitos associam as torcidas organizadas é a violência, no entanto, o objetivo da criação destes grupos de torcedores era reunir sujeitos interessados em apoiar o clube nos dias de jogos, de maneira que o surgimento desse modelo de grupamento colaborou para a própria disseminação e circulação massiva do futebol no Brasil a partir do acirramento de uma série de rivalidades regionais (FRANCO JÚNIOR, 2007).

As primeiras torcidas organizadas surgem em meados da década de 40, denominadas naquele momento de charangas, eram bem diferentes do modelo que observamos na atualidade, destacamos o surgimento da *charanga do Flamengo*, comandada por Jaime de Carvalho, que regiam e ditavam o ritmo nas arquibancadas cariocas. Como já mencionado, a organização das charangas era diferente, em sua grande maioria eram apadrinhados por dirigentes do clube, não contestavam, muito menos protestavam quando o clube não vivia uma boa fase. O financiamento dos cartolas com as charangas, era uma maneira de preservar o status quo que se instalou nos clubes (TOLEDO, 1996).

As charangas tinham um chefe que era conhecido como uma espécie de “torcedor-símbolo” (TOLEDO, 1996), que, na maioria das vezes, era ligado ao clube e tinha por função manter os membros da torcida em uma disciplina severa. O ideal da torcida era apoiar o time, sem imaginar o adversário como inimigo e sem utilizar da violência para superá-lo (HANSEN, 2007). Conjectura-se, então, que as charangas, tal como surgiram nos anos de 1940, não apresentavam maiores relações com a violência no futebol.

Logo, esse modelo de torcer vai perdendo espaço nas arquibancadas, muito por ser em sua grande maioria uma extensão das atividades dos cartolas do futebol, essa mudança de cenário, favorece o surgimento de agrupamentos mais juvenis e contestadores do modelo tradicional de torcer.

No final da década de 60, surgem as primeiras e principais Torcidas Organizadas do país, com destaque para o surgimento em São Paulo da Gaviões da

Fiel (principal torcida organizada do Sport Clube Corinthians Paulista), e no Rio de Janeiro com o surgimento da Torcida Jovem do Flamengo (torcida organizada do Clube de Regatas Flamengo), essa última surge como uma dissidência da charanga do flamengo, com perfil e atividades diferentes.

Com a expansão do Campeonato Brasileiro, a partir de 1971, o modelo de Torcida Organizada também se expande por todo território brasileiro, podemos observar o surgimento desses agrupamentos nas mais diversas regiões, e a disseminação das suas ideias. Nesse momento o modelo das charangas já tinha entrado no ostracismo, o que tomava conta, eram as “torcidas jovens”, cooptando a juventude brasileira para o seu meio. Com a expansão, e o aumento dos torcedores, surgem os primeiros confrontos entre torcidas, os primeiros episódios de violência. É nos anos 90 que a violência entre torcidas ganha notoriedade e atenção das instituições legais e da sociedade civil. Apontamos um caso muito famoso, que ocorreu no ano de 1995, a batalha campal em um jogo sub-20 no estádio do Pacaembu em São Paulo, envolvendo torcidas do Palmeiras e do São Paulo, com saldo negativo de 1 óbito e vários feridos, depois desse caso as torcidas passam a ser cobradas com mais rigor, chegando a serem proibidas e extintas pelo Ministério Público.

A imprensa se torna grande responsável em rotular as torcidas como instituições violentas, e isso gera bastante preconceito com os torcedores que fazem parte desse grupo. Em conformidade com Toledo (1996) os integrantes das torcidas organizadas são indivíduos que buscam dentro dos agrupamentos, além de um meio de convívio social, aderência e proteção. São sujeitos que estão inseridos na sociedade contemporânea segundo as expressões simbólicas da situação de classe (BOURDIEU, 1983) e que, ao se reunirem com outros indivíduos que compartilham das mesmas crenças clubísticas, tendem ao descontrole das emoções, saindo do comportamento socialmente aceito durante eventos relacionados às partidas de futebol (ELIAS; DUNNING, 1992).

Em Alagoas os maiores clubes são CRB (Clube Regatas Brasil) e CSA (Centro Esportivo Alagoano), cujas torcidas organizadas são, respectivamente, Comando Alvirrubro (desde 1993) e Torcida Organizada Mancha Azul (desde 1992), torcidas essas que se fazem presentes em dias de jogos para mostrar seu total apoio aos seus clubes.

A partir destas considerações, a pesquisa surge com o seguinte problema: *“Quais as representações dos torcedores organizados sobre a violência no futebol em Maceió?”* Desse modo, o estudo apresenta como objetivo identificar as *representações dos torcedores organizados sobre a violência no futebol em Maceió.*

1. O histórico das Torcidas Organizadas no Brasil e em Alagoas

O fenômeno das Torcidas Organizadas, conhecidos nacionalmente por seus episódios de conflitos e vandalismos por todo território brasileiro, não é recente, e muito menos se iniciou da maneira como conhecemos hoje. Os primeiros indícios de agrupamentos de torcedores que se organizaram em prol de alguma agremiação de futebol, datam da década de 40, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Em São Paulo surge a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), e no Rio de Janeiro temos o surgimento da Charanga do Flamengo.

Diferente do que percebemos na atualidade, nos seus surgimentos, as torcidas ou charangas não possuíam diretoria, muito menos estatuto, eram em sua maioria comandadas por um líder, que se perpetuava a frente da mesma por anos e anos. Esse líder era quem organizava as atividades da época, dos instrumentos até as viagens para acompanhar seus clubes em outros estádios de futebol, dada essa relevância, esse líder acabava se tornando um torcedor símbolo da torcida como um todo.

Em 1942, um funcionário federal do Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa Charanga do Flamengo, uma banda musical que animava os jogos do time. O termo charanga é muito comum para nomear as pequenas bandas (denominação usada em São Paulo) que frequentam os estádios do estado do Rio de Janeiro e nos estados do nordeste do país (TOLEDO, 1996, p. 21).

Chamamos atenção para Jaime de Carvalho, que foi e ainda é um exemplo de torcedor símbolo no imaginário popular brasileiro, por se tratar do organizador e está sempre à frente de sua charanga. E esse “torcedor símbolo” vai sendo visto em outras torcidas por todo Brasil, e as charangas marcam a primeira fase das Torcidas

Organizadas, pacatas, musicais e sempre interligadas aos “cartolas” dos seus clubes, que financiavam suas atividades em troca de apoio.

O Brasil que começava a se identificar como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedorsímbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time, tal como aparece na fala da torcedora Noêmia, que se queixa das formações atuais das Torcidas Organizadas que “só pensam em brigar desprestigiando o time” ou mesmo que “tudo virou dinheiro e que as torcidas agora só pensam nelas mesmas” (TOLEDO, 1996, p. 23).

Como podemos ver na citação acima da torcedora Noêmia, as charangas deixaram um saudosismo daqueles torcedores que observavam a sua participação apenas como recreativa e familiar. Porém essa fase perdura só até o final da década de 60, que é quando as principais torcidas organizadas são criadas.

No ano de 1969, o cenário sócio-político no Brasil não era dos melhores, estávamos sob o regime de uma ditadura civil-militar, que instaurada em 64 controlava todos os setores da sociedade, e o futebol não ficou de fora, boa parte dos cartolas que comandam os principais clubes brasileiros eram indicados ou possuíam algum vínculo com setores da ditadura, e se perpetuavam no poder. Com isso surgem torcidas como Gaviões da Fiel (Corinthians), Torcida Jovem do Santos (Santos), Torcida Jovem do Flamengo (Flamengo), entre outras torcidas que seguiram o mesmo modelo dessas já citadas, e mudariam completamente o cenário nas arquibancadas brasileiras.

Com a criação do Campeonato Brasileiro de Futebol nos anos 70, tornando a competição regionalizada, aumentando o contato entre torcedores em diversos locais do país, o modelo de torcida organizada vai sendo difundido, e em cada estado grupos similares vão aparecendo. As torcidas agora podem ser enquadradas como um estilo de vida, que tinha suas regras, seu modo de vestir, agir e pensar.

As maiores Torcidas Organizadas seguem este modelo. Inauguram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico...enfim, num determinado estilo de vida (TOLEDO, 1996, p. 33).

Como vimos, as brigas entre torcidas organizadas já existiam desde os anos 80, porém são alguns episódios que geram notoriedade da grande mídia e dos jornais policiais. Podemos citar dois casos de violência envolvendo torcidas

paulistas, o primeiro em 1988, o assassinato de Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, o Cléo da Mancha Verde, morto ao sair da sede da torcida, esse é um dos primeiros casos emblemáticos de violência envolvendo torcidas organizadas no Brasil, até hoje não se sabe de quem foi a autoria do crime.

Os relatos apontados acima, fornecem os elementos para entendermos como as brigas entre torcidas são uma característica da segunda fase dessas agremiações, agora mais organizadas, hierarquizadas e beligerantes.

Em Maceió esse processo não se deu de maneira diferente, seguiu o mesmo padrão dos grandes centros urbanos do país. Mesmo tendo registros de torcidas sendo formadas em Alagoas nos anos 80, nosso trabalho se volta para as agremiações que surgem no início dos anos 90, a Mancha Azul do CSA (fundada em 1992) e a Comando Alvirrubro do CRB (fundada em 1993). Um ano de diferença separa os rivais alagoanos, seu surgimento pode aparentar um desenvolvimento tardio da sociabilidade torcedora em Maceió, porém são inúmeros os casos de violência envolvendo as duas torcidas nas quais foram noticiadas pelos grandes veículos de comunicação do estado de Alagoas como G1 Alagoas¹ e TNH1 (Portal Tudo na Hora)² Recentemente tivemos na final do Campeonato Alagoano de 2016 um grande confronto campal entre as duas agremiações, que mesmo proibidas pelo Ministério Público Estadual de comparecerem ao estádio Rei Pelé com as suas identificações e símbolos, se fizeram presentes e causaram um grande tumulto, gerando repercussão nacional.

Metodologia

Levando em consideração a especificidade de Maceió, dos clubes e das Torcidas que fazem parte dessa dinâmica, entrevistamos 4 (Quatro) torcedores organizados, com o intuito de mapear e entender esse processo beligerante que envolve as torcidas organizadas.

¹ <https://www.google.com/amp/g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/05/operacao-prende-suspeitos-por-briga-na-final-do-campeonato-alagoano.amp>

² www.tnh1.com.br/amp/nid/crb-vence-csa-por-1x0-e-conquista-o-bicampeonato-estadual-em-2016-veja-gol/

A pesquisa se deu por um viés qualitativo, cujo desenho de pesquisa é entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social, no qual é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

Inicialmente a previsão era de 10 (dez) entrevistados, incluindo as duas torcidas organizadas de Maceió. Porém, a pandemia do Covid-19 dificultou a realização das entrevistas,etambém houve o receio de alguns torcedores para entrevista por medo do comprometimento com a torcida organizada, e receio até por não informar ao presidente da torcida. No mês de agosto de 2021, 4 (quatro) entrevistas foram realizadas, de maneira presencial, usando um gravador, foram entrevistados 3 (três) integrantes da Mancha Azul do CSA e 1 (um) integrante do Comando Alvirrubro do CRB, todos do gênero masculino.

As entrevistas foram conduzidas em dias diferentes de maneira presencial numa praça localizada no bairro cruzeiro do sul, na região metropolitana de Maceió,através de um gravador de um celular Samsung s20. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), preservando sua privacidade e integridade, os questionamentos visam à ambientação da trajetória desses indivíduos, bem como sua visão sobre a violência empreendida pelas torcidas organizadas em Maceió.

Resultados e discussões

Como análise dos dados, foi realizada análise interpretativa através da transcrição dos áudios realizados pelos participantes, desta forma,o estudo teve a seguinte pergunta norteadora: Como você define a torcida organizada? Sendo assim, a análise foi dividida em três categorias: “Violência entre as Torcidas Organizadas”, “Participação dos torcedores em confrontos” e “Torcidas Organizadas e mídia”.

2. Violência entre as Torcidas Organizadas

Ao observarmos as respostas dos torcedores, existe um padrão nas respostas, onde aponta as agremiações torcedoras como vistas comumente como instituições violentas, que promovem baderna e vandalismo. Para eles os que praticam tal atividade ou não entendem o verdadeiro contexto ou “ideologia” da torcida, ou estão infiltrados ali para praticar tais atos e possivelmente prejudicam a coletividade.

Torcedor1 - Muitos... muitos de fora não querem está na torcida organizada porque pensam isso, que é só violência, só briga, mas tando dentro é que vai entender, o conceito a ideologia o que realmente carrega, o que realmente faz, o que a gente vê no dia-a-dia que é o que a gente ta fazendo, que torcida organizada não é só violência, não é só briga.

Torcedor 2 – Assim, tem um por cento né! É a minoria, sempre tem aquilo né! De cem por cento tem um por cento que gera violência.

Torcedor 3 – Quem prega a torcida organizada não, mas muitos que usam a torcida para pregar a violência, são casos diferentes, como no tipo, do meu caso e no do “torcedor”, a gente prega torcida, a gente prega pelo clube, tem torcedor que coloca o material que se diz torcedor, que vai no intuito da briga, da confusão, aí são casos diferentes, que nunca vai deixar de existir.

Torcedor 4 – É o que mais fazem, ali a gente sempre é visto como marginais, baderneiros, mas não é nada disso, por trás daquilo ali tem projetos sociais, tem muita coisa que a mídia não mostra.

É certo, como já vimos neste trabalho, que os conflitos entre os torcedores acabaram se naturalizando como uma prática do torcer, alguns até apontam que a essência do torcedor organizador é essa, “torcer e cair para a pista”. Porém devemos contextualizar, e não apontar esse fato como sendo exclusivo dos torcedores organizados, vivemos em uma sociedade violenta e repressiva, somos repreendidos e coagidos pelas instituições legais que regem o estado, tudo isso acaba tornando o indivíduo belicoso, que observa na torcida ou o futebol só mais uma maneira de desprender uma violência contra algo ou alguém que não lhe agrada.

Concretamente, estes indivíduos vivenciam experiências comuns que não podem ser, todavia, reduzidas somente a um discurso normativo sobre violência, expresso nos jornais como foram criadas para bater. Não obstante a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (federações, clubes) e que, sob este aspecto, as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade (TOLEDO; 1996, p. 32).

A citação acima aponta alguns elementos que nos direcionam ao nosso problema de pesquisa. É certo que não podemos reduzir o papel da Torcida Organizada em Maceió apenas às atividades de violência, porém não podemos perder de vista que os episódios causados envolvendo os torcedores organizados na capital alagoana são relevantes e merecem um ponto de destaque. Porque esses indivíduos brigam? Qual a sensação que os mesmos sentem ao desempenhar essas atividades, foram pontos que levantamos em nossa pesquisa, e veremos logo em seguida.

Participação dos torcedores em confrontos

Ao questionarmos se já presenciaram ou participaram de algum ato de violência e de como se sentiram, assim se posicionaram os entrevistados:

Torcedor 1 – Já.

Torcedor 2–Presenciei já e já fiz parte desses confrontos. – Rapaz, no momento, é um momento assim... não sei nem como explicar! É... a torcida é louca demais, quando você ta naquela emoção, no fogo da torcida organizada... é complicado! É bom, não vou dizer que é ruim não! (risos).

Torcedor 3– Já, já presenciei. Já participei, de um monte, não vou mentir. É quente, quente por que assim a gente, vou ser sincero né, a gente entra em um confronto, é diferente da gente entrar no confronto hoje quando você tá com seu esposo e eu mecho com você, tem motivo, mas entrar em um confronto com um cara hoje que eu não sei nem de onde ele veio ou o que aconteceu, só porque ele é de outra torcida, ai tipo, o amor que a gente tem pelo pai ou por uma mãe, a gente tem pelo clube, é onde faz a gente ter aquele confronto, é difícil, muitos entendem que é vandalismo, mas eu acho que o vandalismo hoje em si é você chegar no confronto e quebrar uma loja, quebrar um ônibus, mas você ir lá de encontro ao cara que nem era assim em 2000, 1998, que os cara marcava encontro da grande praia, ipioca, riacho doce, oia bora, eu vou com 20 cara, leva 20 cara da tua torcida e vamos se encontrar lá, era pra mão, pra mão. Aí assim, esse é o confronto tá torcida organizada que não vai deixar de existir nunca, esse é o calor da torcida que faz a gente ser mais arisco né, que nem diz o ditado.

Torcedor 4– Vários. Rapaz, infelizmente tem alguns que a gente tem que, não tem como fugir, você está ali no meio, você não procura, mas vem e você não tem como, mas vem e você tem que defender, como falei lá atrás, a sua identidade, seus companheiros, não tem como sair daquilo ali, não que a gente procura, acontece muito quando a gente viaja para outros estados, quando outra cidade, times rivais, sempre isso ai já é certo.

Ao analisarmos as falas dos interlocutores, podemos perceber alguns elementos que expandem a nossa compreensão sobre esse fenômeno. Todos afirmaram que já presenciaram cenas de violência envolvendo as duas torcidas da capital alagoana, Mancha Azul e Comando Alvirrubro, esse é um ponto inicial que reforça o que já tínhamos levantado com a primeira variável, onde a relevância dos episódios de violência nas torcidas toma conta do imaginário do torcedor, mesmo ele não participando, provavelmente já viu nas redes sociais ou in loco algum conflito entre torcedores.

O “Torcedor 2” e “Torcedor 3”, foram além nas informações, apontaram que já presenciaram, e que também participaram de conflitos com outros torcedores, relatando de maneira detalhada os elementos de uma determinada época e a sensação em participar de uma briga de torcidas. Notamos um ar de orgulho nas suas falas, ao falar das brigas, onde eles sabem que estão cometendo uma infração, porém ao mesmo é satisfatório estar ali defendendo sua torcida naquela situação. Com o avanço da sociedade moderna, muitas atividades antes vistas como pontos de liberação das tensões, tornam-se inaceitáveis, é o que o sociólogo Norbert Elias chama de processo civilizador, essas tensões passaram a ser controladas por uma força coercitiva, que avalia o que o indivíduo pode ou não fazer em sociedade. Controlando também as atividades de lazer.

Estudos comparativos sistemáticos mostram que não só aumentou o controle público e privado de ações fortemente emotivas, mas também que as situações de crise públicas e privadas, com a progressiva diferenciação das sociedades, se tornaram mais diferenciadas do que era habitual suceder. (ELIAS; DUNNING, 1985, P.102).

O controle das atividades de lazer e das emoções, leva os indivíduos a procurar excitações na sociedade que vão servir como válvula de escape para esses tensionamentos que são gerados dentro dessa mesma sociedade que está em constante conflito, essas excitações não devem ser descontroladas, e sim agradáveis e facilmente controláveis. Com o tempo atividades vão surgindo para suprir essa necessidade dos indivíduos em buscar excitações, Dunning e Elias vão denominá-lo de miméticas, que são aquelas atividades mais toleráveis.

Simultaneamente, a maior tolerância pública, nos tempos recentes, quanto a exteriorização de manifesta excitação apenas demonstra, de uma forma mais pronunciada e directa, a função

geral das atividades de lazer, em particular as da categoria específica de que falamos. Dado que não existe um termo sociológico preciso para este tipo, chamamos-lhe «mimético». A maior parte das actividades de lazer, embora não todas, pertence a esta categoria, do desporto a música, da caça e pesca a corrida e pintura, dos jogos de azar ao xadrez, da natação a dança rock e muitas outras (ELIAS; DUNNING, 1985, p.105).

A discussão sobre as atividades miméticas apontadas pelos autores, nos fornecem elementos para entendermos os conflitos entre os torcedores organizados, e de como eles se sentem felizes e em êxtase durante as brigas, para muitos deles, aquele é um ponto de liberação das tensões acumuladas durante o cotidiano em nossa sociedade.

Por fim, um dos pontos que chamou atenção com relação a esta variável, é a resposta do “Torcedor 4”, ao apontar que para ele a briga é uma maneira de proteger seus companheiros, sua torcida e a sua identidade. Percebemos na sua fala, que para ele a briga não é nada reconfortante, muito menos um ponto de liberação de tensões, esse interlocutor enxerga o conflito como algo ruim, só que o mesmo resolveu fazer parte daquele grupo, então deve encarar sua missão, mesmo sendo contrário, pois a recusa poderá ocasionar em represálias do grupo e até exclusão. Bourdieu chama atenção em sua teoria, de como os homens também se sentem dominados no processo da dominação masculina.

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturadas de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (BOURDIEU, 2002).

Essa coesão, gerada por essa dominação, acaba levando os indivíduos a desempenharem atividades que não condizem com o seu pensamento, só para se manterem integrados em um determinado grupo social. No caso das torcidas organizadas, um espaço predominantemente masculino, que reproduz machismos e homofobias, se recusar a participar de um conflito, pode representar um enfraquecimento daquele grupo, a perda da virilidade que durante o conflito é constantemente exaltada.

Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris (BOURDIEU, 2002). A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 2002).

Certas formas de “coragem”, as que são exigidas ou reconhecidas pelas forças armadas, ou pelas polícias (e, especialmente, pelas “corporações de elite”), e pelos bandos de delinquentes, ou também, mais banalmente, certos coletivos de trabalho – como as que, nos ofícios da construção, em particular, encorajam e pressionam a recusar as medidas de prudência e a negar ou a desafiar o perigo com condutas de exibição de bravura, responsáveis por numerosos acidentes – encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de se ver remetido a categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados”. (BOURDIEU, 2002.)

3. Torcidas Organizadas e mídia

Também ficou nítido, em todas as entrevistas, que os torcedores associavam a imprensa, chamando-os de “mídia”, uma parcela de culpa pela má reputação das Torcidas Organizadas em Maceió.

Torcedor 1 – Isso, que ver mais as coisas pela mídia, que a mídia demonstra, porque você não vê a mídia demonstrando que torcidas, torcida organizada fez uma ação social, a gente mesmo, a Mancha foi pra Santana do Ipanema, quanto teve a cheia de Santana do Ipanema o governo disponibilizou um monte de coisa de ação, ai eles divulgaram que eles fizeram aquilo, mas a gente levou um caminhão de roupa, de alimentos, a gente conseguiu levar um caminhão... e isso a mídia não teve interesse de ir lá pra mostrar. Agora se fosse um fato de vandalismo, alguma coisa no Rei Pelé ou então na cidade num instante a mídia mostrava.

Torcedor 2 – Isso, a mídia só mostra o lado errado!

Torcedor 3– Muitos que pensam é porque não convive, a verdade é essa, não é porque a gente coloca um material hoje que a gente é maloqueiro não. Por que se a gente usa, a gente prega uma índole é no intuito da gente vê o clube em série A, disputar uma série A, foi a gente que lutou por isso, as glórias que conquistam não é só os cara não, é a gente também, porque a gente diariamente tá brigando por isso, e não tá brigando com cidadão, torcedor rival na rua não, a gente tá brigando dentro do clube, a gente tá na sede da organizada, a gente tá cobrando diariamente, cobrando mudança, melhoria, se o jogador veio pra cá só pra querer cozinhar ou ganhar dinheiro a gente ta lá em cima pra cobrar, não é o vandalismo não, a gente tá pra cobrar pra gente ter dias de glórias e ai não existe vandalismo.

Torcedor 4– É o que mais fazem, ali a gente sempre é visto como marginais, baderneiros, mas não é nada disso, por trás daquilo ali tem projetos sociais, tem muita coisa que a mídia não mostra.

Por fim, a variável atribuída ao papel da imprensa aparece bastante no discurso desses torcedores, que atribuem uma parcela de culpa a má reputação das torcidas, as reportagens que são feitas com o intuito apenas de denegrir a imagem das agremiações. Como aponta o “Torcedor 01” ao demonstrar insatisfação em não ter noticiado uma grande ação social de sua torcida, que beneficiou várias famílias em nossa capital, em detrimento de reportagens que só marginalizam a imagem desse torcedor.

Para aqueles que estão fora do jogo, o comportamento geral dos torcedores representa potencialmente perigo, desvio, perturbação e violência. Por outro lado, para os que participam efetivamente do *cotejo* como torcedores, o futebol consiste num dos momentos em que a simples aglomeração em identidades e oposições – nós contra eles – adquire a forma de uma consciência particular de um *Nós*, que interfere na lógica de parte das relações mais cotidianas e rotineiras na cidade (TOLEDO; 1996, p. 41).

Portanto, acreditamos que essa queixa por parte dos Torcedores Organizados para com os jornalistas e a imprensa, em todas as suas formas, se dá pelo fato de muitas vezes esses não se inserirem nas dinâmicas das torcidas, e não conhecerem de perto suas atividades, se privando apenas a episódios esporádicos de violência, que comercialmente são mais rentáveis.

Conclusão

Com os dados da pesquisa, podemos concluir a partir dos depoimentos dos torcedores organizados que a violência é um fato presente no que envolve as Torcidas Organizadas em Maceió, seja como espectador ou participando efetivamente dos conflitos.

O envolvimento destorcedores organizados em confrontos está relacionado à busca por adrenalina e excitação, em que a recusa em participar poderá representar a sua exclusão daquele grupo ou uma depreciação da sua imagem perante o grupamento de torcidas organizadas. Porém, podemos perceber também uma mobilização das torcidas em projetos sociais como foi citado por alguns dos entrevistados, a torcida representa uma família para os seus integrantes.

Portanto, julgamos que os resultados obtidos nesta pesquisa servirão como base acadêmica para outros estudos voltados para as torcidas organizadas e a violência no futebol, além de aumentar e incrementar novas políticas públicas e sociais mais efetivas no sentido de diminuir o confronto entre as torcidas.

Realizar esta pesquisa foi de fundamental importância para aumentar o número de produções sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas na Universidade Federal de Alagoas, dispor de um vasto acervo acadêmico, reforçar e fortalecer o campo de pesquisa dos Esportes.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo? In: Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 136-153, 1983
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina/Bourdieu, P.; tradução Helena, M. K. - 2a ed.** - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930 - 2002.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992
- HANSEN, V. **Torcida Organizada Os fanáticos: Relacionamentos e sociabilidade. Dissertação de Mestrado em Educação Física**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2007
- HOLLANDA, B. B.; FLORENZANO, J. P. **TERRITÓRIOS DO TORCER: Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol**. São Paulo. Educ. 2019.
- MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, p. 261- 297, 2010.
- TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados e Anpocs, 1996.

